

“Arrasa Mona”: os Grupos Independentes de Dança de Salvador como espaço dissidente

LEONARDO DOS SANTOS SILVA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

RESUMO:

Este texto discute a importância dos grupos de dança independentes em Salvador como espaços de resistência e transgressão às normas sociais de corpo, gênero e sexualidade. Grupos periféricos e de pessoas marginalizadas criam novas narrativas artísticas, rompendo com padrões estabelecidos pela cis-heteronormatividade. A presença de corpos dissidentes, especialmente afeminados e negros, desafia as convenções tradicionais da dança, promovendo um espaço onde as identidades fluem livremente, transformando não só a dança, mas também o entendimento sociocultural sobre corpo e arte.

PALAVRAS-CHAVE: Dança Independente, Periferia, Gênero, Sexualidade, Corpos Dissidentes.

ABSTRACT:

This text discusses the importance of independent dance groups in Salvador as spaces of resistance and transgression against social norms of body, gender, and sexuality. Peripheral groups and marginalized individuals create new artistic narratives, breaking away from cis-heteronormative standards. The presence of dissident bodies, especially effeminate and Black ones, challenges traditional dance conventions, fostering a space where identities flow freely, transforming not only dance but also the sociocultural understanding of body and art.

KEYWORDS: Independent Dance, Periphery, Gender, Sexuality, Dissident Bodies.

“Arrasa Mona”: os Grupos Independentes de Dança de Salvador como espaço dissidente

LEONARDO DOS SANTOS SILVA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

Os pontapés para que se crie um grupo de dança de forma independente, em Salvador, são múltiplos. Vão desde a necessidade de externalizar questões pessoais, coletivas, compartilhar momentos com amigos/as, reunir pessoas em prol de uma questão ou problema, à ideia ampla de representatividade em cena. Enfim, por serem diversificadas nas formas de surgimento trazem consigo outras narrativas indissociáveis do seu fazer artístico. Por serem criadas por pessoas com demandas, desejos, propostas próximas e complementares, que produzem movimentos e conceitos, tais grupos independentes fomentam outra possibilidade: a inserção de pessoas à margem dos corpos ditos “aptos” para dançar. Se faz importante frisar que o foco aqui é sobre grupos oriundos e/ou de pessoas vindas da periferia. Numa fluidez visual, é perceptível as corpos¹ e os corpos colocadas e colocados em cena nestes grupos. Numa leitura rápida, a predominância são de corpos/corpos negres, oriundos de bairros ditos periféricos (no contexto de estar fora do “centro”), em que possibilidades de inserção em escolas de dança tradicionais são dificultadas pelas questões do racismo, de mobilidade urbana e de poder aquisitivo. Nesse sentido, as formações de grupos de dança independentes, tornam-se, há muito tempo, oportunidade de agenciar, perceber, produzir e fruir dança, em investigação coreográfica própria e de produção executiva em coletivo. Coletividade é o que conduz os grupos independentes para seu surgimento e sua manutenção em atividade artística. Para além da predominância de pessoas da pele preta, outro grupo oprimido, numa visão interseccionada, está presente nesses coletivos: as pessoas fora das normas sexuais e de gênero.

Primeiramente, é importante dizer o que é a norma. Segundo o filósofo francês Michel Foucault, em diversos de seus escritos (1993, 2019), a norma é uma construção sociocultural e histórica, na qual pessoas e instituições (religião, justiça, medicina, família) criam formas e formatos de comportamentos, regras, nesse caso

¹ Estamos tentando, com esse texto, uma linguagem não cisheteronormativas. Não se assuste! Você lerá palavras/ expressão/ termos, fora da norma cultura da língua portuguesa, que na sua constituição pre- tende-se ser masculina.

“Arrasa Mona”: os Grupos Independentes de Dança de Salvador como espaço dissidente

LEONARDO DOS SANTOS SILVA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

para sexu- alidades, mas pode ser entendido para a dança. A demanda principal da norma é criar e manter o normal. O normal nesse sentido é aquela pessoa/ instituição que se adequa aos comportamentos ditos “corretos” e que vai fomentar, para outras pessoas, as mesmas estratégias de condicionamento. Elas, as normas e o normal, podem e devem ser múltiplas e quanto mais sutis nas suas estratégias de promoção e ampliação, melhor. Dito isso, os grupos independentes de Salvador, demonstram nas suas composições de elenco, corpos muito diferentes do visto em companhias estatais e/ou com investimento privado/ público na sua manutenção (sem a necessidade constante de edital de fomento, por exemplo). Essas composições de elenco mostram o caráter transgressivo da Dança, diante de formatos estabelecidos de pessoas que podem ou não dançar, do que é considerado dança e como são as formas certas e aceitas de dançar. As pessoas em dissidência sexual, ou seja, aquelas que estão fora da norma da heterossexualidade compulsória (a de que todas as pessoas devem se relacionar com gênero oposto e somente dessa forma), formam grande presença nos grupos independentes, quando não são somente compostos por elas. Aqui o foco serão nas afeminadas. Por serem um grupo em que não somente as questões de sexualidades são “anormalizadas”, elas borram outra categoria de análise da sociedade: o gênero. Como, em grande parte, as gays afeminadas estão no constante contraste entre o femi- nino e o masculino, a sua existência já provoca reações adversas.

A performatividade das pessoas afeminadas é costurada por meio de retalhos dos códigos de gênero já prescritos e que provocam, no olhar do outro, a sensação de incerteza, imprecisão, dúvida ou indecisão. A pessoa afeminada constitui-se, portanto, a partir da ambiguidade. (NONATO, 2020, p. 75)

“Arrasa Mona”: os Grupos Independentes de Dança de Salvador como espaço dissidente

LEONARDO DOS SANTOS SILVA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

É esperado na dança, em muitos das suas técnicas e métodos, que o “homem” dance como “homem” (seja lá o que for isso), em que comportamentos e papéis são destinados como sendo indissociáveis da sua construção social do gênero — virilidade, força, sedução, são alguns dos aspectos esperados por uma parte do campo da dança, para homens, enquanto para as mulheres se espera a fragilidade, a fluidez, a leveza e a amabilidade. Ou seja, tais demandas demonstram a permanência de arquétipos estabelecidos na sociedade, que são reproduzidos em espaços de formação e de profissionalidade artística em dança, pois a dança faz parte da construção do imaginário de como ser corpo e de como o enxergamos. Obviamente que nos espaços ditos tradicionais, estes homens e mulheres pertencem à cisgeneridade e que pessoas trans/ queer/ não -binária, estão excluídas.

A construção da subjetividade das pessoas afeminadas, perpassa por caminhos diversos, mas sempre permeados por experiências violentas. Não é fácil ser o corpo que transgride as normas de forma tão absurda, que passeia pelas ruas e provocam confusões condicionadas, sem ins - tigar contrariedades em forma de homofobia e numa sentido amplo de transfobia, afinal, “Um gay afeminado, por exemplo, que não performa o seu gênero da maneira como exige a norma, é trans ou cisgênero?” (COLLING, 2015, p. 61) Na dança, essas mesmas reações podem ser encontradas, afinal quem já não ouviu (ou viu) professorus/ coreógrafus, mandando alguém dançar como “homem”? “Rebolar menos”? Esses discursos fazem parte da chamada heteronormatividade, que são as estratégias de criar comportamentos únicos, mesmo nos corpos dissidentes (homens gays parecidos na estética, nos hábitos com os heterossexuais, as mulheres lésbicas esbanjando “feminilidade”, as pessoas trans em busca incessante pela aparência de “homem e mulher de verdade”), em que a discrição é fator fundamental para a aceitação social.

“Arrasa Mona”: os Grupos Independentes de Dança de Salvador como espaço dissidente

LEONARDO DOS SANTOS SILVA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

Discrição é algo que não pertence ao mundo das afeminadas. As presenças das monas² demonstram as inúmeras possibilidades de estar em espaços de dança, sem, obrigatoriamente, ter que pertencer a normas e convenções antigas, violentas e excludentes. Neste sentido, a norma e o normal são deslocados para outras camadas nesses grupos, sejam nas escolhas estéticas ou nos seus processos criativos, o que evidencia quanto estamos na superfície artística quando propomos estabelecer outros critérios, como gênero e sexualidades, como primordial para se dançar como, por exemplo, nas reafirmações de “passos” de “mulher” e de “homem”. Se o campo da dança se mostra em diversos caminhos para uma expansão dos seus conceitos e conhecimentos, como a quebra da dicotomia mente e corpo, é urgente que outras dicotomias caiam também: homem e mulher, heterossexual e gay/ lésbica, cis e trans, branco e preto, magro e gordo, pessoas com deficiência e pessoas sem deficiência, dentre outras que surgem continuamente. Sem a quebra de regras estabelecidas e retroalimentadas, não é possível que as pessoas dissidentes, deixem de levar esse título. A dissidência só existe e persiste se houver um “norte”, uma forma única de ser e uma maneira única de existir. O que propomos é um núcleo, local onde sujeitos sejam quem são e possam conviver em harmonia. Enquanto o norte dita para a norma, o núcleo se mostra como anormal — e isso é ótimo. A dança é potência quando entende que suas estradas pertencem ao campo do transgressivo, quando se propõe a mudar e questionar a sociedade. Não há um lugar da dança que não podemos refletir e problematizar com gênero e sexualidades. Todas as instâncias da rede produtiva da dança, e das artes em geral, desde quem dança no espaço cênico, tanto para quem dirige o espetáculo (quando às vezes não são as mesmas pessoas), podem e devem ser permeados por tais questões, afinal não há corpo sem ser racializado,

² Palavra utilizada de forma pejorativa para chamar pessoas afeminadas, aqui ressignificadas como potência linguística. A linguagem é instrumento de regulação, violência e exclusão. Quando se ressignifica termos/conceitos/ palavras, se reconfiguram também suas potências criativas, políticas e históricas.

“Arrasa Mona”: os Grupos Independentes de Dança de Salvador como espaço dissidente

LEONARDO DOS SANTOS SILVA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

generificado e sexualizado, e isso como estratégias complexas e contínuas de legitimação de corpos.

As poéticas cênicas encontradas nesses espaços coletivos, em que tais questões não são relevantes para o seu fazer artístico, são inseridas em outras camadas conceituais daquelas consideradas tradicionais. É preciso compreender que há tradição brancocisheteronormativa³ em elencos de dança, especialmente nas lógicas de repertório de movimentos e de construção de cenas. Se uma análise mais aprofundada for realizada, perceberemos que existem espetáculos com pessoas dissidentes de sexualidades e de gênero, que utilizam de formatos engessados e com o propósito de manutenção das performatividades de gênero e de sexualidades normalizadas, que se intitulam contemporâneos. Entendendo que não é possível definir o que seja uma dança contemporânea ou elencar códigos para uma leitura óbvia, é indispensável elucubrar que são os aspectos que a diferem de outras abordagens cênicas que podemos nos aproximar de uma linguagem contemporânea de dança. Por isso, observar que com diferentes formas de experienciar dança, experimentar novos arranjos espaciais, com indicativos político- -sociais muito mais visíveis e com uma vastidão de possibilidades de corpos para se dançar e entender dança, assistir espetáculos que mantenham lógicas imutáveis de gênero e de sexualidades é perceber um retrocesso (ou inércia) nas lutas pela valorização desta arte como campo de conhecimento autônomo e de potência socio- cultural.

O que as pessoas que fogem da regulação das sexualidades e que borram as fronteiras do gênero binário fazem, em espaços como os grupos independentes, é ampliar a percepção sobre as corpos e suas infinitas construções identitárias em cena. O que surge nos espetáculos são balanços diferentes, concepções sobre figurino que ultrapassam um lugar do dicotômico, cenas em que as sexualidades

³ A brancocisheteronormatividade, junção das palavras branco+cisgênero+heteronormatividade, é uma ideia de descortinar o combo opressor das sociedades.

“Arrasa Mona”: os Grupos Independentes de Dança de Salvador como espaço dissidente

LEONARDO DOS SANTOS SILVA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

são mostradas em sua potência transformadora, uma busca por uma não hierarquização entre gêneros... Tudo isso fortalece a dinâmica criada e expande as afetações da relação artista-obra-público.

A instância mais potente de um elenco dissidente é que sua presença não seja só para falar de questões de sexualidades, que são sempre pertinentes, mas sim para fomentar que quando se fratura normas, regras e convenções surgem outras conquistas para a arte e com elas novas conquistas para a sociedade. Afinal, a dança, as identidades de gênero e as expressões de sexualidade compartilham o mesmo espaço no ambiente: o corpo. E corpo é comunicação, é estratégia de atravessamentos e de modificação de certezas; a presença dos corpos dissidentes, especialmente as afeminadas, e principalmente as pretas, provocam choques de realidade e de estética em arte. “Apesar de todos os mecanismos de controle que incidem sobre as existências das bichas pretas, são elas que promovem a assunção ao espaço público das bichas brancas.”(OLIVEIRA, 2017, p. 39) É o estranhamento que faz uma das funções da arte ser eficiente: a reflexão. A partir de uma reflexão íntima e em tempo real, espera-se que as obras investigadas por esses grupos independentes possibilitem a reflexão urgente que necessita tanto a dança e suas restrições estéticas, quanto o ambiente que a cerca. São essas corpos pretas e afeminadas que podem, atual e potencialmente, nos inserir em um espaço-tempo de danças contemporâneas. Não aquelas em que reverberam lógicas e determinismos da era clássica ou formas da modernidade, mas pela busca incessante de uma estranheza, de uma fexação, de uma borra, da fronteira, da quebra.

Referências

COLLING, Leandro. Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer. Salvador, EDUFBA, 2015.

“Arrasa Mona”: os Grupos Independentes de Dança de Salvador como espaço dissidente

LEONARDO DOS SANTOS SILVA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. – 9ª Edição, Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2019.

_____. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. – Curitiba Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 190 f. 2017

NONATO, Murillo. Vivências afeminadas: pensando corpos, gêneros e sexualidades dissidentes. Salvador, Editora Devires, 2020.

SOBRE AS AUTORIAS:

Leonardo dos Santos Silva, Escola de Dança da UFBA

Artista da Dança, Mestre, Especialista e Licenciado em Dança pela Escola de Dança da UFBA. Pesquisador em Processos Educativos em Dança, Gênero e Sexualidades com ênfase na Teoria Queer. Diretor do Grupo Jeitus de Dança e Líder do Grupo de Estudos PISA+. E-mail: ssantosleonardo90@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7244-9462>

RECEBIDO em: 15/08/2021

APROVADO em: 13/10/2021